Impossível sair da Terra

Impossível sair da Terra

Alejandra Costamagna

Contos

Tradução de
Mariana Sanchez



Sumário

7 A epidemia de Traiguén
19 Jokenpô
23 Impossível sair da Terra
37 Are you ready?
43 Gorilas no Congo
47 O cheiro dos cravos
57 Ponteiros de relógio
59 Ninguém nunca se acostuma
73 A céu aberto
79 Ajeitar as coisas
83 Naturezas mortas

A *epidemia de Traiguén*

A garota, dizem, é muito, mas muito louca. Chama-se Victoria Melis e chegou ao Japão como chegam os desavisados, os que andam meio perdidos: seguindo um homem. Ele, Santiago Bueno, é natural de Traiguén e está em Kamakura a negócios. É especialista em frangos e o que faz em Kamakura é persuadir sua carteira de potenciais clientes a comprar frangos de altíssima qualidade. Frangos de exportação, que não são alimentados com peixe nem inflados com hormônios e que têm uma morte não diria agradável, mas de modo algum estressante. No entanto, há uma epidemia local, uma epidemia que afeta somente os frangos de Traiguén, e que de tempos em tempos ameaça os negócios das empresas avícolas. Santiago Bueno, gerente da Frangos Traiguén Ltda., deve tomar as maiores precauções a este respeito. Quando os frangos são infectados, eles se debilitam, enfraquecem, ficam horríveis. É como se de repente fossem acometidos de uma depressão crônica. Este é o único sintoma. E um dia qualquer, morrem.

Mas o episódio de Victoria e Bueno começa antes. Cinco ou seis meses antes. A garota tem então dezenove anos e uns olhos muito grandes separados. Suas orelhas parecem redemoinhos prestes a chupá-los. Chupar os olhos. Victoria é secretária, mas até então não tinha exercido o ofício. Na verdade, nunca exerceu qualquer ofício remunerado. A herança de seus pais, mortos num acidente ferroviário, lhe permite viver com certo conforto. Mas dias atrás ela viu um anúncio no jornal e telefonou para perguntar pela vaga de secretária. Sem maiores burocracias, conseguiu um emprego na Frangos Traiguén Ltda. Hoje, segunda-feira, 23 de março, é seu primeiro dia de trabalho. Ao sair de seu apartamento,

esta manhã, tropeçou num carrinho de bebê duplo e torceu o pé. Nenéns, nenéns, só sabem fazer nenéns, pensou, enquanto a mãe das crianças pedia desculpas e tentava aplacar o choro duplicado das gêmeas. Mancando e mal-humorada, chegou ao trabalho. E lá está ela agora, com o pé dolorido e uma emoção vertiginosa. É instantâneo: Victoria vê Santiago Bueno e fica gamada, poderia se dizer que fica cega por aquele homem de voz rouca, que só fuma tabaco escuro. Victoria é uma mulher de emoções violentas e fugazes. Dizem que é muito, mas muito louca. Mas também poderia se dizer que é fatalmente apaixonadiça e ponto.

A garota se apresenta: olá, vim pelo anúncio. Que anúncio? Da vaga de secretária, falamos por telefone na sexta-feira, lembra? Ah, sim, senhorita Véliz, está um pouco atrasada. É Melis, senhor, não Véliz. Melis, muito bem, senhorita Melis, esta é a sua mesa. Naquela pasta tem a agenda de hoje. Até logo. E mais pontualidade, ok? Victoria executa suas tarefas de hoje, telefona para vinte e quatro clientes, atende trinta e nove ligações, se desconcentra pensando em como Santiago Bueno é atraente, toma um café com quatro colheradas de açúcar, segue a agenda de hoje, liga para oito clientes (um deles atende em inglês: ela desliga imediatamente), pensa nos malditos bebês do carrinho, em todos os malditos bebês, tenta se imaginar como mãe, ri da ideia estúpida, continua seguindo a agenda, atende uma ligação em inglês, *Hello, excuse me, it is a mistake, mister*, desliga o telefone, ouve a risada de Santiago Bueno do outro lado da parede, se desconcentra pensando nele, não consegue pensar em outra coisa, apaixonadiça que é, se aproxima da parede e ouve-o tossir, imagina aquela boca que tosse, fantasia, fica obcecada pelo gerente da Frangos Traiguén, pode vê-lo tossindo para ela, sacudindo-se ao pigarrear, salpicando-a com sua tosse elástica, olhando-a como se olha o que está prestes a ser devorado, tão perturbada, essa garota. Lá pelas sete, quando

o homem sai de seu escritório, Victoria já tem o beijo pronto na boca. Estão sozinhos na recepção da empresa. O homem se surpreende, mas também se deixa beijar. É uma tarde ensolarada de outono em Santiago do Chile, e o empresário e a secretária passam as próximas horas num motel da rua República.

Ao final do expediente (quer dizer, da hábil demonstração sexual da garota, que incluiu cachorrinhos, frango-assados e *felatios*), o homem fuma seu tabaco escuro e fala com voz rouca. Victoria ouve-o em silêncio, muito atenta, porque não há nada que a excite mais do que ouvir um homem falando de si mesmo. Eu entro no hotel de Montevidéu e um cara me aborda na recepção, Bueno lembra em voz alta. Claramente me confundiu com outro, e então me pergunta se conheço Santiago Bueno. Para tirar onda, sei lá, eu digo que não, não conheço. Aí o cara começa a falar do Santiago Bueno, de mim, saca?, por uns bons vinte minutos. O mais simpático, escuta só, é que o cara não admirava meus frangos: admirava a mim, percebe que extraordinário? A garota, que não percebe o que isso tem de simpático nem de extraordinário, vai beijá-lo outra vez. Mas ele interrompe o movimento com cara de nojo e continua falando do cara que uma tarde em Montevidéu falou de Santiago Bueno para ele, justamente para ele, percebe que coisa mais perturbadora? Tirando suas palavras e um par de gemidos gozosos filtrados a cada tanto pelas paredes, o quarto da rua República é um lugar muito silencioso. Victoria acha que parece um templo. Antes de liberar o quarto, Santiago Bueno fala ao seu ouvido. Dê um trato no bicho, diz a ela. Victoria não pode conter a emoção e procede com esmero: feito uma puta de aluguel. Passa por sua cabeça, contudo, a imagem de um filhote de periquito.

A mulher supõe que dali em diante será só alegria. Mas está muito enganada. A cena da rua República se repete seis ou sete vezes e, numa manhã em que cinco frangos apare-

cem mortos em Traiguén — cinco frangos gordos, carnudos, entre as melhores aves da região —, Santiago chama Victoria ao seu escritório e a demite da empresa. Está demitida, diz. Por quê?, pergunta ela. Porque sim, argumenta ele. Isso não é motivo, reclama ela. Mas sua voz ainda não soa a reclamação, porque até aquele momento a garota pensa que é uma piada, que o amante está tirando onda com ela. Não tenho por que dar motivos à senhorita, o gerente abre caminho. Só então Victoria cai na real. E agora eu lhe pediria que..., murmura ele. Não chegou a terminar a frase quando a mulher já está em cima dele. E agora me chama de senhorita, *Chago*? E agora me dispensa? Mas o que é que você tem? Não tenho nada, senhorita Melis. A senhorita não é o que a empresa está buscando, só isso. Me faria o favor de fechar a porta quando sair? Porta é o caramba!, exclama a mulher, fora de si. Mas o homem tapa a boca dela com uma mãozada e diz algo em seu ouvido. Deve ser algo muito forte, porque a garota só consegue dizer, resmungando: Você é um baita filho da mãe. E vai embora.

A verdade é que Santiago nunca esteve apaixonado por Victoria. Na verdade, na verdade, Santiago nunca esteve apaixonado por ninguém. A garota retira suas coisas — um vasinho de flores, a foto de seu avô materno, alguns itens de papelaria, nada muito importante — e não volta mais ao escritório. Uma semana depois, se aproxima do telefone, que ela não queria nem olhar, e disca o número da Frangos Traiguén. Frangos Traiguén Limitada, *good morning*, ouve então: é uma voz feminina, esganiçada. Passa pro *Chago*, ordena Victoria. A nova secretária provavelmente pensa se tratar da esposa do chefe, do contrário nada explicaria comunicar a ligação ao gerente da empresa assim, sem aviso e em espanhol. O senhor tem uma chamada na linha um, *Dom* Santiago, anuncia. O homem mal disse alô quando ouve as lamúrias exaltadas de Victoria do outro lado da linha: Pretende que eu te esqueça assim,

sem mais nem menos?, começa ela, tentando controlar uma raiva muito aguda. Esqueça-me se a senhora quiser, mas não me telefone mais. Ah, que fácil, protesta a garota. Quer dizer que acabou, tchau e benção, tenta ser irônica. Parece que a senhora entendeu, responde ele, secamente. Nem vem que não tem, ela ataca. As coisas não terminam assim, reclama. Sinto muito, insiste Santiago. E agora, se a senhora me permite... balbucia. Pelo menos me chame de você, pô!, a mulher perde a paciência. E entre os soluços típicos de um choro meloso, vai soltando frases dramáticas, talvez escutadas em alguma comédia. Frases como: Nada pode apagar você da minha vida. Ou, pior: Sou todinha sua. Santiago Bueno balança a cabeça com o gesto impassível dos pais diante de uma travessura do seu rebento. Aproxima a boca do aparelho e responde, com calma: Cala a boca, pirralha, para de falar merda. Desliga, e nesse instante ecoa na sala uma gargalhada rouca, orgulhosa: um som semelhante ao da rolha que pula de uma garrafa há muito tempo guardada.

Pouco depois desse telefonema, Victoria descobre que a Frangos Traiguén Ltda. abrirá uma sede em Kamakura, e que seu gerente se mudará para o Japão. A garota magoada — e dizem que muito, mas muito louca — andou colecionando todos os objetos que marcaram os dois últimos meses de sua vida e, ao ficar sabendo da viagem, não pensa duas vezes. Naquela mesma noite, abre o fecho de uma mala cor de café herdada de seu avô e a preenche com tudo o que encontra à mão. Faturas da empresa avícola, bitucas de tabaco, canhotos do motel da rua República, uma gravata esquecida por Santiago no escritório, várias canetas gastas, uma bic azul em bom estado, um bilhete de metrô vencido, contas de telefone, água e luz, cartas de reclamação ao diretor, um apontador de lápis, uma colherinha de café para curvar os cílios ou comer iogurte, recortes de notícias agrícolas de um jornal interiorano, sua carteira de motorista e um cinzeiro

de cerâmica lascado no cantinho. Quando termina de fazer a mala, sente que caminha com a bússola torta. É como se tivesse estado conversando com todas as idades que teve nos últimos meses. Mas Victoria tem na época dezenove anos e está disposta a seguir Santiago Bueno até o mesmíssimo Japão.

E é exatamente isso o que ela faz. Victoria Melis está agora com sua maleta cor de café na rua Yuigahama, em Kamakura, muito perto da Capela do Calvário. Bem na sua frente, uma placa anuncia: 自動車お祓所. Victoria saca seu dicionário básico de espanhol-japonês/japonês-espanhol e, após um árduo exercício de tradução, consegue resolver o mistério: "Aqui se oferece serviço de purificar veículos novos", diz a placa. Ela pensa então que saber ou não japonês dá no mesmo. A garota veio a Kamakura com o contato de uma agência de emprego para estrangeiros, e está com sorte. No primeiro dia já é contratada como cuidadora de crianças na casa de uma argentina chamada Elsa Aránguiz. A mulher é viúva, esteve há mais de seis meses esperando uma empregada que falasse espanhol e acha que Victoria Melis é um anjo caído do céu. Ou talvez apenas um alívio — o que já é muito no Japão, com um paupérrimo domínio da língua local, um bebê de oito meses (Faustino Júnior), uma viuvez recente (um infarto de Faustino pai e tchau) e uma rotina que corresponde mais à inércia generalizada do que a um projeto sólido de vida. Desde o primeiro minuto, ao sair da agência de emprego, as mulheres entabulam uma espécie de amizade. Por que está aqui?, pergunta Elsa Aránguiz com o bebê no colo. Porque meu avô nasceu aqui, mente Victoria, juntando a boneca de porcelana que caiu no chão. Onde comprou?, pergunta, mudando de assunto. Comprou o quê? A boneca. Ah, a boneca é de Nara, responde a argentina. É bonito lá em Nara? Muito bonito, é lindo. Quer que eu segure o menino?, se oferece Victoria com gentileza. Não, ainda não... responde a patroa. E tu não herdou nenhum traço oriental, que sorte! Não pareço

japonesa?, se atreve a insinuar Victoria. Bom, agora que tu diz, pode ser, mente desta vez a argentina. Ou talvez queira apenas quebrar o gelo do ambiente, criar uma relação amigável. Elsa simpatiza profundamente com a garota, a vê como uma sobrinha. Ou mesmo como uma filha. Gosta de criança?, pergunta. Adoro, senhora Elsa. Por favor, me chame só de Elsa. Só de Elsa, repete Victoria. As duas riem.

No início, as mulheres passam o dia inteiro falando em espanhol. O idioma local é de uma dificuldade suprema, uma coisa infinitamente estressante, e isso aproxima cada vez mais a dupla sul-americana. Elsa ensina Victoria a dirigir seu Suzuki, que é igual a qualquer carro japonês exportado ao Chile. Victoria é muito hábil como motorista e, enquanto dirige (na terceira aula, digamos), sem desviar do caminho indicado por Elsa, fala de seus pais mortos em um acidente ferroviário, de seu falso avô japonês, de seus estudos de secretariado e da ideia de viajar ao Japão para conhecer seus antepassados orientais. Não fala nada de Santiago Bueno, dos frangos de Traiguén nem de seu drama amoroso. Elsa, sentada no banco do passageiro com a criança no colo, lhe conta muito detalhadamente de sua chegada ao Oriente, do empenho de Faustino em instalar uma empresa de turismo em Kamakura, do parto natural de Faustino júnior (na água, sem anestesia, a mãe em posição vertical), da morte repentina de Faustino pai, da dificuldade emocional de retornar à Argentina, da estranha personalidade do bebê. Estranha por quê?, pergunta Victoria. Parece bastante normal, queria eu ter um assim. Tu quer um bebê? Não, digo se tivesse. O que ele tem de estranho, senhora?, insiste a garota, virando habilidosamente à direita a partir da faixa esquerda na rua Sakanoshita. Nada, nada, é só muito tranquilo. E, bem, a mulher tem razão. Basta olhar para ele. Tranquilo é pouco: qualquer um diria que aquela criatura contemplativa se eterniza numa dimensão zen.

E assim passam as primeiras semanas. Quando Elsa sai às compras ou dorme ou não está por perto, Victoria aproveita para ler jornais ou ver televisão em busca de algum milagroso sinal, um rastro qualquer de Santiago Bueno e seus frangos em Kamakura. É obvio que fracassa em seus esforços: é muito pouco provável que o homem apareça assim, como quem anuncia geladeiras ecológicas numa tela ou em algum folheto publicitário. E, mesmo que aparecesse, Victoria se pergunta se seria capaz de distingui-lo entre tanto ideograma japonês. Às vezes, a garota acorda com lembranças muito frescas: o escritório de frangos em Santiago, o motel da rua República, as gargalhadas secas do homem tomando *pisco sour* e falando de si mesmo, os pedidos de última hora e seu desejo crônico (o dela). Então, tem vontade de sair à rua e interrogar as pessoas. A senhora conhece algum Santiago Bueno? Viu este homem por aqui? Comeu um frango do sul do Chile? Mas ela se aguenta, se controla. E, com o controle, vai perdendo o entusiasmo e a vitalidade iniciais.

Elsa Aránguiz começa a notar a garota estranha. Te vejo abatida, meio desanimada, diz a ela. E, sem esperar resposta, atribui seu comportamento à dificuldade idiomática e a inscreve em um curso de japonês. Mas antes toma uma decisão: não se fala mais espanhol nesta casa, determina. Do contrário, não vamos aprender nunca. E tu tem que sair pra rua, Vicky, não se aprende um idioma entre quatro paredes. Mas eu..., murmura Victoria. Nada de "mas", *guria*, estou tentando te ajudar. E é o que ela faz: contrata uma professora particular que vem em casa duas vezes por semana, e desse dia em diante os diálogos em espanhol se limitam ao mínimo. A garota estuda as lições, cuida de Faustino, coloca-o no Suzuki, leva-o à praia, a Enoshima, ao templo de Hachiman, continua estudando e se abanando no parque, olha o menino parado feito uma estátua, volta a estudar e se entedia soberanamente sob o sol de Kamakura. Se pelo menos você falasse, *neném*...

repreende Faustino. Vou ficar louca, louca. Diga alguma coisa, pirralho, ela implora. Mas o pirralho, muito zen, respira, dorme, deixa-se estar em seu carrinho japonês.

A garota compreende que seu retorno ao Chile é iminente. Mas a viagem não pode ter sido em vão, pensa. Então, decide escrever uma carta a Santiago Bueno e fazê-la chegar por meio de algum jornal local ou serviço de rastreamento ou, quem sabe, da embaixada do Chile. Melhor ainda: por meio da Agência Nacional de Polícia do Japão. Uma tarde, sentada com Faustino num banquinho em frente ao templo, estudando as mesmas lições de japonês básico de duas semanas atrás, tira da bolsa um caderno e uma caneta bic. Começa a escrever a carta. Você me saqueou, me sacaneou o tempo todo, escreve. E esta é a única coisa que pensa. Por um instante tem a ideia de escrever em japonês, mas só aprendeu uma frase romântica, e já esqueceu. Era algo como você é tudo para mim. Ou você está todinho em mim. E, mesmo que lembrasse a frase exata em japonês, seria um disparate dizer isso porque, sim, ele é tudo para ela, mas tudo também inclui o horror. A garota deixa a ponta da caneta sobre o papel, esperando a sagrada inspiração em sua língua natal. Inútil: nenhuma letra sai ao seu socorro. Me dá uma ideia, *neném*, fala para o menino. Mas o menino, sempre zen, nada.

Victoria volta para o carro com o bebê dormindo e o deposita em sua cadeirinha japonesa. Neste momento, quando já colocou o cinto de segurança e está ligando o motor do Suzuki, acontece o inesperado. O milagre, poderia se pensar, porque neste exato minuto Victoria vê a silhueta de Santiago Bueno diante dela. O homem saiu de uma casa de chá e agora atravessa a rua dando uma gargalhada rouca, e caminha sem pressa até o próximo semáforo. Não está sozinho: uma mulher, que Victoria imagina ser japonesa, o acompanha. Uma gueixa, pensa (embora não saiba se gueixas ainda existem). Isso é demais para a garota. Você me saqueou, me sacaneou,

repete em sua cabeça perdida enquanto estaciona improvisadamente, apaga ou acende ou põe em ponto morto as luzes do carro, desce feito uma flecha, bate a porta e corre atrás do casal. Secretamente, segue-os uma quadra inteira. Vê os dois virarem uma ruazinha ladrilhada, cambaleando juntos ao caminhar, ele abraçando a japonesa pela cintura. No final da ruazinha, ela pode vê-los entrar num prédio com um letreiro de neon em japonês e em inglês: Yashiro Hotel. Ali, perdem-se de vista. Victoria se aproxima da porta do recinto e espera. Não sabe bem o que fazer. Não atina com nada. Se apoia num poste de madeira e assim, bem quieta, tenta imaginar o que acontece dentro de cada quarto do hotel. De repente, pela janela do terceiro andar, à esquerda, vê surgir a silhueta de uma mulher. É ela, claro que é ela. Victoria poderia jurar que é a mesma japonesa que acompanhava Santiago. Um homem, um homem que agora sim é cem por cento Santiago Bueno, se aproxima da mulher oriental e fecha bruscamente a cortina.

Victoria mantém os olhos fixos na janela iluminada. Mas parece que seus olhos estão um tanto cegos. Estão, na verdade, no passado. De repente, as imagens passam voando, como acontece, dizem, minutos antes de morrer. A mulher não sabe se é raiva, tristeza ou prenúncio de morte o que a invade. Em sua mente aparece o hotel da rua República. Santiago no hotel da rua República. Ela o vê de costas, de frente, em cima, dentro dela. Ouve-o falar, ouve sua gargalhada áspera. Santiago deve estar contando à gueixa ou à puta japonesa aquela história do cara do hotel de Montevidéu, o cara que falava de Santiago Bueno, que falava a ele, justamente a ele, dele mesmo, percebe que extraordinário, que simpático? Santiago deve estar amassando nesse instante aqueles peitos de boneca amarela, de boneca de porcelana. Dê um trato no bicho, japonesa. Dê um trato nele, a garota apaixonadiça se contorce nos ladrilhos nacarados da rua. Durante as quatro horas de espera, a luz ambarina da janela não perde seu brilho.

Já a garota parece se apagar em sua chama. Não há nada a fazer: ninguém vai sair nos próximos minutos daquele quarto de hotel oriental.

Victoria refaz o caminho em ritmo lento. Sua cabeça está zerada. Nem espanhol nem japonês nem patavina: zerada. Só quando chega ao Suzuki parece recuperar a capacidade de raciocinar. E o que pensa é o prelúdio do que ocorre na sequência. Então, lembra que deixou o bebê dentro do carro. A garota abre depressa e o vê ali: a cara de Faustino Júnior não exibe a essa hora da tarde a expressão zen de sempre. O menino está pálido. Mais do que pálido: branco, imóvel, duro. A mulher se dá conta do forno em que o Suzuki se transformou com a calefação no máximo. Não sabe como pode ter acontecido. Não pode acreditar, não pode ser verdade. Horrorizada, entende o que fez e volta correndo ao hotel Yashiro, deixando para trás o corpinho branco e zen de Faustino Júnior.

Entra sem olhar para ninguém, sobe os três andares pela escadaria de mármore e chega ao quarto da janela iluminada em tom ambarino. Você me saqueou, me sacaneou, diz para si numa reza enquanto bate na porta e espera firme, em posição de alerta. Alguém abre (a fúria a cegou e não lhe permite ver se é ela ou ele) e a garota irrompe no quarto. Santiago Bueno a olha desconcertado. Victoria quer matá-lo, está completamente louca. *Kanoyo wa kichigai*, dirão depois em Kamakura: muito, mas muito louca. No entanto, a japonesa não é nenhuma novata e se antecipa aos fatos: com uma violência inesperada, se lança sobre a garota e a derruba. Victoria tenta se defender, mas a japonesa tira de algum canto uma faca e a enterra no estômago da chilena. A garota desaba como um pato recém-caçado. Como um frango afetado pela epidemia de Traiguén. A cena é horrível, o sangue corre pelo quarto daquele hotel japonês. Não sabemos se a mulher que agora pega um quimono e começa a se vestir quis ou não matá-la,

mas o fato é que Victoria não se mexe. Santiago Bueno se aproxima do corpo ensanguentado, a sacode, grita alguma coisa. Depois se dirige à japonesa, talvez uma prostituta muito precavida e não uma gueixa qualquer. Diz a ela: Que porra é essa que você fez? *Kimi wa hitogoroshi desu*, diz a ela. *Watashi wa hitogoroshi desu*, corrobora a japonesa, com a faca quente nas mãos. Suas palavras soam afônicas, a corda de um koto que arrebenta no meio de um concerto. Santiago, coisa mais esquisita, começa a chorar feito um bebê no ombro da japonesa.

Crime passional no Yashiro Hotel. Assim correm os fatos pela cidade. Mas a notícia que monopoliza as manchetes do dia é a do bebê morto por asfixia dentro de um veículo. E é curioso, porque, por algum equívoco do repórter, por desinformação ou simples erro, a imprensa atribui a Melis Victoria, imigrante de nacionalidade chilena, a maternidade do bebê de dez meses morto num Suzuki azul ano 2000, numa rua solitária de Kamakura, Japão.

Jokenpô

Que já chegassem fodidinhas. É o que o Orozco tinha pedido a elas uma semana antes, na entrevista. Pediu na verdade que chegassem "fodidinhas e comidinhas, por favor". Como se temesse que as novas funcionárias aparecessem com cara de esfomeadas, ávidas demais. Por medo, com certeza, que as gêmeas perdessem as estribeiras e lhe estragassem a noite.

Então foi isso o que elas fizeram.

Às três da tarde do sábado seguinte, cada uma se empenhou naquilo. Conversaram rapidamente: Você, o que prefere? E você? Como as duas preferiam a mesma coisa, tiraram no jokenpô. Rita botou tesoura e Sandra, papel. Como tesoura corta papel, Rita foi ao quarto do irmão e expôs a ele a questão. Que precisava dar uma rapidinha, antes das cinco, que por favor, que senão o Orozco. E que depois, se quisesse, ela serviria o café da tarde. Sandra assumiu seu papel cortado pela tesoura e foi pedir ao tio. Por favorzinho, tio, não seja malvadinho. Chamava de tio, mas era seu padrasto. Pegou-o de jeito no capô da caminhonete. Mandaram ver quase ao mesmo tempo que Rita e o irmão, a metros de distância, pouco antes das seis da tarde, com o céu pálido e vinte e dois graus de temperatura. Uns no quarto dos fundos, outros no quintal, escorados na caminhonete. As gêmeas provaram a sensação quase idêntica de ter se esvaziado, embora a rigor quem se esvaziou dentro delas foram os homens.

Então ali estavam elas: fodidinhas, quase prontas. Agora só faltava comer. Tinham tanta vontade de trabalhar para o Orozco. Se tudo corresse bem, seriam contratadas em tempo integral. Ele tinha prometido na entrevista: quando o negócio andasse com as próprias pernas, ai, ai, ai, elas iam ver só: de caixa passariam a garçonete, de garçonete a aventalzinho

aberto, a cintura rebolando, um ou outro amasso e muita gorjeta, vocês não imaginam quanta gorjeta libera um homem aceso. Porque era disso que se tratava: manter o cliente a ponto de bala. Que chegassem sempre comidinhas, por favor, bem fodidinhas; para não cair em tentação. O futuro vem logo, podem apostar. Seriam bilionárias. Essa foi a palavra usada pelo Orozco para se referir ao futuro de Rita e Sandra no negócio que começariam naquela noite.

Então era isso o que as gêmeas esperavam: o futuro bilionário.

Tomaram o café da tarde com o padrasto, o irmão e a tia-avó, que chegou de última hora carregada de sacolas. O que traz aí?, perguntou o irmão. Trazia vestidos, aventais, macacões, blusas, calças, jaquetas de linho, cotelê e jeans dentro das sacolas plásticas. Um quilo e meio de roupa usada que ela havia pegado na feira; roupa suja mas boa, que os feirantes não vendiam e deixavam ali, largada. Sandra ficou com o avental verde; Rita, com o roxo-azulado. Agradeceram à tia-avó e vestiram os aventais ali mesmo. Era a primeira vez que a velha não perguntava o que elas tinham feito o dia inteiro. Talvez já estivesse cansada de ouvir a mesma coisa, pensaram as gêmeas.

Terminaram o café, disseram tchauzinho e saíram para a rua mexendo as cadeiras como um par de marionetes, o estômago cheio, como tinham pedido a elas, sem sinais de fraqueza. Iam com os aventais usados mas quase novos, prontas para debutar no trabalho do Orozco. Naquele sábado à tarde, as gêmeas estavam radiantes, com uma felicidade nova.

Mas a felicidade durou três quadras e meia. Na porta do local onde na semana anterior tinham sido entrevistadas pelo Orozco, no lugar onde serviriam bebidas, sandubas, chopes, pingas e o que mais o cliente pedisse, alguém tinha colado um cartaz: "Interditado". Letras vermelhas num fundo branco e nem uma única explicação. Ali estava, ali o viam: o futuro

interditado para sempre. O sonho das gêmeas e da família inteira ceifado por onze letras. Bateram na janela, tocaram a campainha oito vezes, pensaram em jogar pedras — em quê, em quem? —, olharam os aventais que já não pareciam tão novos; notava-se a léguas que tinham sido usados e lavados um milhão de vezes. Ergueram os ombros como nos filmes quando a cena é triste. Sentaram na calçada a esperar. Uma hora e meia, e nada.

Fodidinhas e comidinhas, elas voltaram para casa.

A tia-avó, o padrasto e o irmão pareciam esperá-las. Na verdade, era como se tivessem estado esperando ali mesmo — sentados naquelas cadeiras antigas da copa, com as xícaras pela metade — desde o começo das civilizações. A princípio ninguém disse nada. Deram lugar para elas na mesa e soltaram um par de monossílabos órfãos. A tia-avó foi à cozinha, preparou ovos mexidos e tudo voltou à normalidade. Também não é pra tanto, era só um trabalhinho, disse o padrasto. E o diminutivo soou tão apiedado que a tia-avó se emocionou. Segurou suas mãos, deu um beijo na testa dele, agradeceu sua bondade. As gêmeas tiraram as roupas das sacolas e se vestiram com trajes destoantes, espalhafatosos, de outra época. Até a avó provou uma roupa alheia, um vestidinho cor de salmão. E as três, juntas, ensaiaram os passos de uma coreografia da tevê. Os homens riram como bestas, quase foram dançar com elas. Até que a tia-avó ficou séria e deu de perguntar pelas tarefas do dia. Todo mundo fugiu do assunto: que as tardes pareciam cada vez mais curtas, que ui, que a graxa da caminhonete, que os ovos na frigideira, que sei lá o quê. Pareciam um pouco excitados ainda.

Depois, cada um voltou a seus afazeres. Apesar de ser agosto, respirava-se um ar primaveral. As gêmeas pensaram nas palavras do Orozco da semana anterior, em suas frases. O futuro bilionário veio à mente delas. *Bilionário*. A palavra *bilionário* de repente parecia estranha. Como se correspon-

desse a outra língua, outra raça idiomática. *Billizas*[1], murmurou uma das irmãs. O quê?, disse a outra. E a primeira deu uma risadinha curta, que mais pareceu um espirro reprimido. Depois ficaram um tempo quietas, olhando as sacolas vazias, com as pilhas de roupa esparramadas pelo chão. Mas elas pareciam famintas, gulosas outra vez. Você, o que prefere?, perguntou Sandra. As duas preferiam o irmão, que era mais gostosinho, menos bruto. Então, tiraram no jokenpô. Rita botou pedra e Sandra, tesoura. Como pedra quebra tesoura, Rita se encarregou de novo do irmão, e Sandra voltou a trepar com o padrasto até que o Orozco virou coisa do passado.

[1] N. da T.: Neologismo que sugere um jogo sonoro entre mellizas (gêmeas em espanhol) e milionárias versus billizas e bilionárias.